

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA POLÍTICA, COMUNICAÇÃO E PODER NAS RELAÇÕES NORTE-AMERICANAS

Carlos Augusto Gonçalves Camilotto¹
Cibele Maria Ferraz²
Daniela de Oliveira Canin³
Boanerges Balbino Lopes Filho⁴

Resumo

Forjada sob a inspiração nacional da grandeza, a sociedade norte-americana contempla aspectos paradoxais. Projetando vasto espectro de influências ao redor do mundo, gera questionamentos acerca de suas políticas. Para aprimorar o entendimento sobre sua representatividade no mundo de hoje, buscou-se relacionar o contexto a partes dos documentários: “A corporação”; “Fahrenheit 09/11”; e do filme “Boa Noite, e Boa Sorte”. Ao dialogar com as relações de poder veiculadas através dos meios de comunicação, o artigo auxilia no aprimoramento da compreensão do cenário contemporâneo. Estimula também uma análise das questões relacionadas à construção de identidades das corporações e do Estado. A abordagem envolve concepções acerca da disputa pelo agendamento midiático e implicações no âmbito da esfera pública. A reflexão fundamentada tem embasamento em paradigmas das Ciências Sociais Aplicadas e da Teoria da Complexidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; poder; política; metáforas; Teoria da Complexidade.

ABSTRACT

Forged under the inspiration of national greatness, American society considers paradoxical aspects. Designing wide spectrum of influences from around the world, raises questions about its policies. To improve understanding of its representation in the world today, we sought to relate the context parts of the documentary, “The corporation”; “Fahrenheit 09/11”; and the movie “Good Night, and Good Luck.” The dialogue with the relations of power conveyed by the media, the article helps in improving the understanding of the contemporary scene. It also stimulates an analysis of issues related to the construction of identities of The corporations and the state. The approach involves conceptions of the struggle for media scheduling and implications in the public sphere. A reasoned reflection

¹Mestrando da Linha Comunicação e Poder do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, com bolsa de estudo da CAPES. Especialista em planejamento e gestão social, bacharelado em Comunicação e Ciências Sociais, licenciado em Ciências Sociais. E-mail: cagcamilotto@gmail.com

²Mestranda da Linha Comunicação e Poder do PPGCOM da UFJF. Especialista em Comunicação Empresarial, com MBA em Marketing. Gerente de Comunicação e Marketing da Medquímica Indústria Farmacêutica S/A. – E-mail: cibelieferraz@gmail.com

³Mestranda da Linha Comunicação e Poder do PPGCOM da UFJF. Especialista em Comunicação Empresarial pela UFJF. Assessora de Comunicação da Fundação de Apoio ao Hospital Universitário da UFJF. E-mail: danielaocanin@gmail.com

⁴Orientador do trabalho, Jornalista, professor e pesquisador. Pós-doutor pela UEPG (PR). Doutor e mestre em Comunicação, autor de livros, coordenador de pós-graduação e professor do PPGCom na UFJF (MG). Diretor do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ. E-mail: bblopes@globo.com

has grounding in paradigms of Applied Social Sciences and Complexity Theory.

KEYWORDS: *Communication; power; policy; metaphors; Complexity Theory.*

INTRODUÇÃO

A diversidade de interesses estratégicos envolvidos e os comportamentos forjados durante o percurso histórico da sociedade norte-americana têm significativa influência na realidade brasileira. No segmento da Comunicação Social e nas relações de poder, especificamente, as identidades construídas ao norte e reverberadas ao sul necessitam de adequada contextualização para aprimoramento da acuidade em relação ao cenário derivado. A proposta do presente artigo é salientar aspectos históricos e políticos através da utilização de metáforas.

A interface entre esferas com lógicas distintas e os conflitos de interesses oriundos do estabelecimento de uma ordem interdependente, com fronteiras atenuadas, implica no diálogo com questões cruciais para a consolidação das novas estruturas. De acordo com Harvey (1989, p. 257), a transição para a “acumulação flexível foi feita em partes por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas”. Ressalva o autor que, embora estas últimas possam ter se originado na busca da superioridade militar, sua aplicação esteve relacionada diretamente com a superação da rigidez do fordismo. Além de perpassar gerações, essa reordenação vem contribuindo para o arcabouço da sociedade em que vivemos. Segmentando ambientes e permitindo a coesão de grupos, conforme interesses comuns e o compartilhamento de códigos.

O aprofundamento dos aspectos subjetivos implica na valorização das percepções a serem transmitidas aos outros membros da categoria e demais integrantes do grupo social, pois, “na medida em que a identidade depende cada vez mais de imagens, as réplicas seriais e repetitivas de identidade (individuais, corporativas, institucionais e políticas) passam a ser uma possibilidade e um problema bem mais reais”. (HARVEY, 1989, p. 261). Atualmente, os acontecimentos são acompanhados através de um espaço dimensionado, denominado tempo real. Um incessante fluxo de conteúdos ordenado vem modificando nosso modo de ver o mundo (ethos) e transformando a vida das pessoas. Nesse contexto, de forma reestruturada, há indivíduos e instituições capazes de nortear e direcionar informações. Somos, portanto, “organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. É informacional e global porque, sob novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação” (CASTELLS, 1996, p. 87).

Conforme afirma o sociólogo Edgar Morin (2011, p.5), “a cultura é coprodutora da realidade que cada um percebe e concebe. As nossas percepções estão sob controle, não apenas das constantes fisiológicas e psicológicas, mas, também, de variáveis culturais e históricas”. Dessa forma, torna-se fundamental compreender as relações de poder expostas abertamente e subjetivadas; comprovadas historicamente ou conspiratórias. Neste

sentido, salientaremos partes dos documentários: “A corporação” e “Fahrenheit 09/11”; e do filme “Boa Noite, e Boa Sorte” como mecanismos que propiciem o estabelecimento de correlações metafóricas ou ilustrações para parte das relações internas e externas das políticas públicas e privadas implementadas pelo governo ou organizações dos Estados Unidos.

Na opinião de Berman (1986, p.37), a moderna sociedade burguesa, constitui-se em uma sociedade que desenvolveu gigantescos meios de troca e produção: “é como o feiticeiro incapaz de controlar os poderes ocultos que desencadeou com suas mágicas.” Em certa medida, a metáfora citada por Marshall Berman, constitui uma afirmação que mantém fidedignidade, sendo capaz de ilustrar o aprimoramento da maquinaria de exercício de poder e as consequências das intervenções ianques pelo mundo. As engrenagens das alterações culturais são os indivíduos. Portanto, não existe organização sem o somatório de partes. Para pensar e agir impactando o contexto é preciso focar individualmente. Como lidar com pessoas, o que envolve a noção de controle, intrinsecamente relacionada aos aspectos da imposição hegemônica. Pois, “independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como os tratam” (GOFFMAN, 1975, p. 13).

O CONTEXTO DA SOCIEDADE NORTE-AMERICANA

Moldada em meio a premissas pouco amistosas, de acordo com Boudon (2001 p. 574), “a sociedade americana pelo menos a que se desenvolveu nas costas da Nova Inglaterra, é herdeira da sociedade inglesa, ou pelo menos, da variante puritana dessa sociedade”. A hibridação de aspectos da busca pelo progresso com concepções religiosas motivadoras deu início ao processo de formação de um cenário com peculiaridades, para o bem e para o mal. Contudo, podemos salientar que esse contexto, como enfatiza Boudon, é que “dá prosseguimento a uma experiência radical, de um vigor incomparável e provavelmente único, em matéria de organização social e política”

A exploração das terras requeria coragem dos colonizadores. Havia uma dura realidade a ser enfrentada, onde a alusão a signos fazia parte de estratégias motivacionais evocadas. Nesse sentido, “o tema ‘selva’ foi predominante. Os ‘pais fundadores’ da Nova Inglaterra buscavam constantemente imagens bíblicas para compreender a nova situação. E ao fazê-lo percebiam envolvidos numa ‘viagem na selva’ num sentido pessoal, religioso e histórico” (SOUZA, 2000, p. 131). Este é o embrião do povo que ocupou um país com vastas dimensões, diversidades e desafios, rompeu barreiras e instituiu fronteiras, em um contexto regido por utopias e realizações.

É importante observar que a dominação do mundo não se refere apenas à realidade objetiva a nossa volta. Ela inclui também as dimensões da vida social e da vida subjetiva interior. Assim, “selva” deve ser entendida no sentido amplo, envolvendo todas as dimensões da racionalidade e do agir humano. Selva refere-se tanto a dominação da natureza hostil como ao controle das emoções internas e dos instintos anti-sociais. (SOUZA, 2000, p. 137).

A disseminação de um modo de vida pelo planeta integra o paradoxo da sociedade em questão, com inovações organizacionais e comportamentais que se alastraram, paralelamente, envolvendo-se em uma série de conflitos dentro da própria visão de mundo adotada. Já no início do século XIX, a nação estava iniciando o envolvimento internacional que “seria imensamente acelerado pelas duas guerras mundiais e redundaria, depois de 1945, no sentimento de que os americanos tinham algum interesse implícito em toda e qualquer alteração significativa de forças no mundo” (LEUCHTENBURG, 1976, p. 131). As estratégias de intervenção em assuntos internacionais culminam na geração de problemas para os próprios americanos, como o fortalecimento de forças para atuarem contra inimigos do país que outrora se voltaram contra eles mesmos.

Entre inovações, conflitos e uma intensa busca pela hegemonia global, opiniões se dividem. Porém, as contribuições para o avanço, ainda que inadequado à pegada ecológica (capacidade de suporte da Terra), não podem ser negadas, uma vez que:

Os EUA têm uma grande história. Quem pode questionar a importância da revolução americana para o progresso social da humanidade ou o gênio tecnocientífico dos EUA e suas realizações na literatura, arquitetura e arte? Tudo isso pertence aos EUA. Porém, eles também enfrentam graves problemas sociais, para os quais a sociedade americana ainda não encontrou resposta, ou pior tenta encontrá-las em outros lugares e de uma forma que poderá levar várias nações a pagarem por eles. (GORBACHEV, 1987 p.253)

As afirmações do ex-presidente russo ilustram o respeito aos americanos, ainda que discordemos de seus ideais. Vale ressaltar que as percepções que podemos delinear são, em certa medida, a ponta do iceberg de um cenário pujante, mas envolto em uma atmosfera de conspirações, intrigas e guerras bélicas e ideológicas.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

O procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento do presente artigo baseou-se na análise das metáforas identificadas nos documentários: “A Corporação (*The corporation*) (2003); Fahrenheit 9/11 (2004) e no filme Boa Noite, e Boa Sorte (2005). Foram priorizadas obras cinematográficas que permitissem um debate fundamentado sobre as articulações possíveis entre imprensa, poder, política e imagem. Para Alberto de Carvalho (2014), podemos encontrar as metáforas em suas manifestações “reais” (como em programações jornalísticas e documentários) e “ficcionalis” (em séries televisivas, telenovelas, filmes, obras literárias) tendo estas a função de “nos dizer sobre nosso estar no mundo social, com suas disputas de sentido” (ALBERTO DE CARVALHO, 2014, p. 139).

Ainda segundo o autor, o aspecto polissêmico de palavras e expressões apresenta-se como condição fundamental para o desenvolvimento de estudos sobre metáforas. Halévy (2010) destaca que o emprego da metáfora envolve um processo racional, sujeito a metodologia rigorosa e a procedimentos de validação precisos. “As linguagens simbólicas utilizadas nas metáforas e nas analogias vão nesse sentido: são linguagens

que assumem a realidade, sem reduzi-la a idealizações simplificadoras, como faz a matemática, por exemplo” (HALEVY, 2010, p. 196).

Conteúdo, suporte e linguagem formam, para Halevy (2010) a base da noética⁵, onde cada elemento desempenha uma função exclusiva, porém, complementar: enquanto o conteúdo é o “coração” de uma ideia, sem um suporte, ele é impotente. Já os suportes e as memórias “são apenas backups de ideias originais oriundas da sociosfera: as ideias germinam em cérebros vivos, antes de serem codificadas em fragmentos minerais” (HALEVY, 2010, p. 192).

Para Gomes (2004), desejamos conhecer cotidianamente o mundo real, mas o que obtemos do mundo é “apenas aquilo que nos é disponibilizado cognitivamente pelas experiências pessoais e comunitárias por imersão e, sobretudo, aquilo que resulta da seleção e edição do sistema informativo da comunicação de massa” (GOMES, 2004, p. 323).

A partir desse entendimento, lidaremos com uma diversidade de metáforas possíveis e, para a análise das obras, priorizaremos as metáforas compartilhadas e mais conhecidas, com ênfase em metáforas vinculadas ao exercício de poder. “O fundamental na análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (MACHADO apud FOUCAULT, 1979, p. XXI).

A ESFERA PÚBLICA E OS INDIVÍDUOS

Percorrendo historicamente, desde o “outono” da idade média europeia, o estabelecimento de limites em relação ao uso dos poderes e delimitação, uso e tributação da propriedade privada integram alguns dos conceitos-chaves para a compreensão do ambiente da esfera pública, palco de alguns dos embates que suscitados e, contextualizado por Jurgen Habermas:

Estas duas esferas, outrora estruturadas no mesmo sentido, desenvolvem-se agora de modo oposto: “e pode-se efetivamente dizer que a família se torna cada vez mais privada, enquanto que o mundo do trabalho e da organização se tornam cada vez mais públicos”. A expressão “mundo do trabalho e da organização” já revela algo da tendência à objetivação de um setor outrora considerado sujeito a dispositivos privados, quer se tratasse, para o proprietário, dos bens próprios de que ele dispunha, quer se tratasse, para o assalariado, de uma propriedade que ele não gozava (HABERMAS, 2003, p. 181).

Esses espaços sociais, permeados por interesses, vontades e pretensões constituem fórum para expressão de opiniões e manifestações diversas. A argumentação habermasiana é marcada pela abertura e a racionalidade. A abordagem contempla aspectos dialéticos. Podemos salientar a ascensão, solapamento e posterior evolução de parte da esfera pública. Bem como a ruptura com pública não pode ser comprovada sociologicamente. Entretanto, há traços como, por exemplo, o selo do Príncipe, não por acaso chamado de público.

⁵ Parte da lógica que estuda o pensamento. Fonte: <http://www.priberam.pt>. Acesso em 08 ago. 2015.

Goethe (1749-1832) constitui referência, pois “supõe na ‘personalidade pública’ novamente o sentido tradicional da representação pública”. Provido de riqueza na perspectiva e profundidade histórica, o Fausto de Goethe começa num período “cujo pensamento e sensibilidade os leitores do século XX reconhecem imediatamente como modernos, mas cujas condições materiais e sociais são ainda medievais; a obra termina em meio às conturbações espirituais e materiais de uma revolução industrial” (BERMAN, 1986, p.40). Em um momento em que pessoas emergentes buscam incorporar traços sofisticados, que não lhes eram concedidos desde o berço, a reflexão do personagem figurado recomendava perguntar ao novo rico não o que ele é, mas o que ele tem? Qual o seu patrimônio?

Os dispositivos de sujeição são utilizados para a “fabricação” de indivíduos. Através da criação de espaços de confinamento e aprimoramento dos gestos, atitudes e, principalmente, de saberes. Esse indivíduo, fruto da sedimentação dessa sociedade repaginada, mantém relações conflituosas com o caráter divino. Sua conduta é regulada pelo discurso, pela normatização do prazer. Seu comportamento é definido conforme possibilidades interessantes para a maquinaria que o produziu, que busca delimitar seus instintos, moldando-o dentro dessa realidade.

A CORPORAÇÃO

O documentário “*The corporation*” ilustra, de forma primorosa, a transformação das corporações que, há 150 anos, eram insignificantes, em instituições onipresentes. A reformulação na legislação americana, iniciada em Nova Jérsei em 1889, foi um marco para a proliferação do sistema organizacional vigente. A mudança habilitava “as companhias a possuírem outras companhias, um privilégio que os tribunais vinham usualmente negando”. No processo de concessão de direitos corporativos “deram às sociedades anônimas o estatuto legal de ‘pessoas’, qualificando-as assim para os privilégios, proteções e imunidades garantidas pela Constituição, de acordo com a Quinta e Décima Quarta Emendas” (LEUCHTENBURG, 1976 p.57).

A criação desse espaço fértil para o crescimento das companhias foi responsável pelo crescimento dos aspectos materiais inerentes à cultura organizacional. Simultaneamente foram alargadas a flexibilidade administrativa e financeira dessas instituições, passando seu poderio a reverberar em campos materiais e subjetivos da sociedade. O grande paradoxo desse sistema é a criação de vastas riquezas, paralelamente aos danos psíquicos e materiais inerentes à expansão desse modelo, difundido em escala global.

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adapta aos preceitos da cultura do consumo e segue-os estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação. (BAUMAN, 2008, p. 71).

Os efeitos colaterais perpassam, desde a “pegada ecológica”, capacidade de suporte material do

planeta, aos processos de exclusão social. O documentário retrata a busca patológica pelo lucro e algumas de suas consequências, que perpassam várias instituições, inclusive a imprensa: conivente, omissa, ou engajada, ou seja, coadjuvante da difusão, ou denunciante das situações humanamente adversas, uma vez que:

A máquina midiática é complexa, igualmente, pela tensão permanente que existe entre as duas finalidades de informação e de captação de seu contrato de comunicação. Isso explica porque ela está marcada por um paradoxo: por um lado, pretende transmitir informação da maneira mais objetiva possível, e isso, em nome dos cidadãos, por outro, só pode atingir a massa se dramatizar a cena da vida política e social. (CHARAUDEAU, 2007, p. 243).

A compreensão acerca da significativa veiculação de conteúdos, anteriormente impressos, e, atualmente, disponíveis em formatos digitais necessita, para possuir caráter fidedigno, da observação de aspectos distintos. Essa linguagem, conforme Barbosa (2009, p. 37), “tem duas funções principais e, portanto, duas problemáticas distintas: a de ser instrumento de comunicação técnico (ou fônico, para a linguagem) e um dispositivo para a identidade e as práticas sociais”. Importa, portanto, especificidades acerca da tecnologia empregada na disseminação do acesso e as nuances da linguagem.

FAHRENHEIT 9/11

Na perspectiva de Foucault (1979), o sujeito humano é historicamente produzido, isto é, construído por meio de elementos correlatos de poder e conhecimento, não havendo, assim, saber neutro. Essa afirmação resume a abordagem trazida pelo documentário “Fahrenheit 09/11” (2004) com roteiro e direção de Michael Moore. A obra cinematográfica nos apresenta três assuntos principais: a eleição de George W. Bush à presidência dos Estados Unidos no ano de 2000; o atentado terrorista de 11 de setembro e, por fim, o envolvimento do país na Guerra do Iraque.

Todas as perspectivas são abordadas sob um ponto de vista diferente do que os cidadãos tiveram acesso através dos veículos de comunicação de massa. A análise das metáforas encontradas no documentário, segundo Alberto de Carvalho (2014, p. 141) “nos auxilia a identificar os pontos de tensão, as incompreensões, os conflitos muitas vezes insuperáveis como partes constitutivas das tramas sociais, inclusive gestados a partir dos esforços do entendimento”.

O documentário inicia com um resgate sobre o processo eleitoral que culminou na eleição de Bush à presidência dos EUA, no ano de 2000. Enquanto os canais CNN, CBS divulgavam as pesquisas de opinião apresentando a vitória do candidato democrata, *Al Gore*, na Flórida (estado que tinha o irmão de Bush como governador), o Fox News Channel – de propriedade do irmão de Bush – indicava o candidato republicano como o novo presidente dos EUA. As demais emissoras acataram a informação da Fox News como verdadeira e passaram a divulgar a vantagem de Bush sobre *Al Gore*. O que os dirigentes dos demais canais não sabiam é que o encarregado da decisão sobre o que seria veiculado no canal naquela noite era um primo de Bush.

Gomes (2010, p. 141) explica que “a política midiática é uma política em cena ou para a cena”. Para o autor, os interesses e os recursos dos domínios da política, da comunicação e dos negócios privados, que se orquestram como um sistema, originam-se e mantêm-se fora da cena midiática. “Se o meio de comunicação representa um interesse no campo político, tal interesse fatalmente se converterá no principal critério selecionador e ordenador dos materiais do noticiário e dos discursos informativos midiáticos” (GOMES, 2010, p. 164). Para Schwartzberg (1977, p. 237) a pesquisa constitui “um instrumento de manipulação e pressão, criando um sentimento de unanimidade ou, pelo menos, de preponderância a favor de um candidato; “normalizando” os comportamentos eleitorais para ajustá-los a um modelo dominante”.

Após a polêmica sobre os procedimentos utilizados para que Bush alcançasse a presidência dos EUA, o documentário retrata a grande tragédia ocorrida no dia 11 de setembro de 2001. Articulado por Osama Bin Laden, terroristas sequestraram aviões comerciais e colidiram intencionalmente contra as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York e contra o prédio do Pentágono, em Washington. Os questionamentos principais levantados pelo documentário são sobre os motivos que levaram os EUA a permitirem que apenas os familiares de Bin Laden deixassem o território americano, enquanto todos os voos comerciais estavam suspensos. Ligações comerciais entre as famílias justificam, segundo o documentário, a decisão do governo norte-americano. “A personalização do poder não está apenas naquele que o exerce; está também naqueles que a ela se submetem ou se alimentam” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 251). Bush, como uma resposta de combate ao terrorismo, ordena o ataque ao Afeganistão, eliminando civis e membros do Taliban, mas, não encontram Bin Laden.

O sentimento de insegurança permanente instaurado entre a população dos EUA com a impressão do perigo iminente de um novo ataque terrorista culminou no que podemos associar ao panóptico de Foucault (1979), como uma necessidade de presença invisível e permanente do poder. “Sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo” (FOUCAULT, 1979, p. 218).

Utilizando-se de imagens reais, o documentário nos apresenta outros questionamentos. O ponto abordado na sequência é a declaração de Guerra dos EUA contra o Iraque. Sob a justificativa de que o Iraque estaria desenvolvendo armas de destruição em massa e de possíveis ligações entre o líder iraquiano Saddam Hussein e a organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda, Bush ordenou o ataque ao Iraque em 2003. Uma campanha de patriotismo foi instaurada, trabalhando a imagem de orgulho por integrar o exército americano, tendo a possibilidade de defender o país. “Emoções, intuições, impulsos: a política personalizada não se baseia nos componentes cognitivos e sim nos componentes afetivos das atitudes políticas. (...) A paixão sobrepõe-se novamente à razão. E o critério racional se desvanece por trás dos sentimentos de atração ou de antipatia” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 306).

A guerra foi formalmente encerrada apenas em 2011, porém, nos anos anteriores, a administração de

Bush já havia sido acusada de falsear as informações do serviço secreto, gerando desconfiança por parte da população. Moore apresenta dados de investigações que dão conta de que interesses comerciais com benefício para empresas da família de Bush que foram os reais motivadores para a Guerra.

O documentário nos permite identificar diversas metáforas trabalhadas por Sardinha (2007). A metáfora da viagem, presente nos discursos do presidente, transmitindo a noção de imprevisibilidade dos acontecimentos; a metáfora do jogo, em que destaca a importância de todos os cidadãos norte-americanos – como uma “equipe” - no combate ao terrorismo; a metáfora da guerra, com o reforço da importância do confronto com um inimigo em comum e, por fim, a metáfora da sociedade, como uma referência de que todos os cidadãos deveriam lutar por um ideal em comum: pelos Estados Unidos, despertando o sentimento de patriotismo, conduzem o desenvolvimento da trama que nos permitiu uma análise de importantes acontecimentos da história norte-americana que envolveram jornalismo, poder e política.

BOA NOITE, E BOA SORTE

Hollywood explora, há algum tempo, um mote que subsiste sem encaixar-se nas categorias tradicionais do cinema - o papel da imprensa para a construção social. A sétima arte e sua elaboração imagética abrem espaço para o debate da diferença ideológica teórico-prática do jornalismo, mostrando a conexão entre os diversos poderes e o Estado. É da relação de promiscuidade entre a imprensa e o governo que emerge o jornalismo idealista, com importante papel social e político, espelhando o ethos representado pelo personagem Edward Murrow, apresentador de TV no filme “Boa noite, e Boa Sorte”.

A década de 50 nos EUA foi assinalada pelo “macartismo”, expressão cunhada a partir das ações anticomunistas do senador Joseph McCarthy. O termo remete a um período de intensa perseguição política e desrespeito aos direitos civis nos Estados Unidos. Dando voz a esse enredo, *Boa noite, e Boa Sorte* evidencia o contexto político da época e propõe o embate entre os ideais de uma equipe de jornalistas, da rede de televisão e rádio CBS, e o movimento político de extrema direita, liderado por McCarthy.

O discurso proferido na TV por Murrow adverte seu público quanto aos poderes da comunicação e os malefícios doutrinários da política. Como lembra Miguel e Biroli (2010), a popularidade midiática ainda é a condição necessária para o acesso ou manutenção das posições mais importantes no campo político. A informação política há muito transbordou a esfera jornalística e hoje não abrange apenas um conjunto de jornais, telejornais, sites ou revistas informativas. Essa informação, que antes seria somente jornalística, sofreu segundo Gomes (2004, p.312), “metamorfoses e hibridismos” e hoje se tornou, também, produto de ficção e aparatos simbólicos.

Da mesma forma, Maffesoli (2006) reitera que os conjuntos simbólicos devem ser assimilados como matrizes que, de maneira orgânica, os diversos elementos do dado mundano se cruzam e se fecundam, provocando, assim, um vitalismo irreprímível, pois, “Não adianta alimentar a nostalgia de ‘tempos áureos’

da política, quando imperava o verdadeiro debate das ideias, sem a preocupação com a imagem, sem a contaminação pelas técnicas de marketing, sem a influência nociva das sondagens de opinião” (MIGUEL E BIROLI, 2010, p.11).

Após as apresentações de Edward Murrow, o senador McCarthy começa a perder força política no Congresso e passa a ser investigado a respeito dos abusos que cometeu em sua caça anticomunista. Entendemos assim, que a informação, entendida como um conjunto de noções a respeito do estado atual do mundo requer espaço na esfera pública para se materializar. Sob o mesmo ponto de vista, Miguel e Biroli (2010) ressaltam como a mídia alterou a geografia situacional da vida social. Assim sendo, se a comunicação pode dispensar a política, a política não pode prescindir da comunicação, pois como afirma Habermas (2003), é somente na esfera pública que as virtudes encontram reconhecimento.

O homem político poderia ser ele mesmo autenticamente. Ele prefere parecer. Ainda que lhe seja preciso simular ou dissimular. Compondo uma personagem que atraia a atenção e impressione a imaginação. Interpretando um papel por vezes composto. (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 15).

Foucault (1979) diz que o indivíduo é produto da união entre poder e saber. Para o autor, a história é eficaz quando reintroduz o descontínuo em nosso próprio ser e, por isso, a genealogia pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam. Complementando o pensamento, Maffesoli (2006) aponta que há uma sociologia pretensiosa, em que só se pode reconhecer um sujeito social reduzido à ordem do Estado. Exemplo disso, para o autor, é a necessidade de agrupar a massa em um “lugar-comum” da história ou em qualquer outra entidade recomendada e civilizada. No entanto, essa identificação não corresponde ao social, visto que hoje temos uma massa “informe, ao mesmo tempo popularesca e idealista, generosa e mesquinha, em resumo, uma mistura paradoxal que, como todas as coisas vivas, se baseia na tensão do que é contraditório”. (MAFFESOLI, 2006, p.105).

Ao final, o filme trata ainda do caráter de entretenimento que a TV começa a ganhar, à época, com estruturas e roteiros lúdicos. Edward Murrow cobra a sua própria empregadora e a critica por não ser um instrumento clareador de ideias. Nesse contexto interativo Goffman (2013) remonta ao conceito de *frame*, traduzido por enquadramento, através dos quais se cataloga e se vive a experiência da realidade, como molduras que definem as situações de interação e estabelecem modos apropriados para participar da vida cotidiana. Somando-se a isso, Gomes (2004, p.313) acrescenta que a forma mais geral da comunicação de massa encontra na televisão sua completa realização, pois invoca “o entretenimento, como base de referência, a ruptura, a diversão e a dramaticidade como seus subsistemas”.

Entreter é capturar a atenção, consumir o destinatário na perspectiva do lazer. E sobre o poder de penetração do lúdico no cotidiano, Goffman (2013) lembra que, como as imagens artísticas são mais exatas, elas favorecem as condições simbólicas coletivas. E interpretando os diversos discursos que, como aponta Foucault (1979), surge o homem como produção do poder. Sob essa concepção, Maffesoli (2006, p.104) conclui que “se lembrarmos como Platão se preocupou em aconselhar o Príncipe, vamos entender que as íntimas relações

entre o saber e o poder vêm de muito longe”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento simbólico e metafórico, segundo Halévy (2010, p. 206), ao contrário do pensamento lógico, “é um pensamento em movimento e do movimento; é pensamento hermenêutico, perpetuamente recomeçado, superado e transcendido. O sentido não é nunca definido, mas sempre revisitado para ser subvertido e aprofundado”. Os documentários Fahrenheit 09/11 e A Corporação, e o filme Boa Noite, e Boa Sorte nos possibilitam outro olhar sobre assuntos retratados amplamente pelos veículos de comunicação de massa. O sistema dedicado à produção e distribuição da informação especializou-se na formatação dramática dos conteúdos que produzem e distribuem. Nesse sentido, segundo Gomes (2004), tornou-se um fenômeno normal e cotidiano o real se apresentar sob a forma ficcional.

Desempenhamos papéis sociais importantes em nossa sociedade. O jornalista, contudo, lida com responsabilidades que transitam entre a subjetividade e o pragmatismo. A formação pedagógica e a reflexão prática devem permear as condutas atuais e dos futuros profissionais, sob pena de colhermos frutos questionáveis em nossa própria seara. Ressaltamos que “um tal poder assim extenso e grave [o da imprensa], não deveria funcionar à mercê da negligência ou do zelo, da cupidez ou do desprendimento, do ódio ou da amizade de nenhum jornalista” (MIGUEL E BIROLI, 2010, p. 209).

Para Goffman (2013), se um indivíduo tenta dirigir a atividade de outros por meio do exemplo, da persuasão, da manipulação, da autoridade, será necessário, qualquer que seja sua posição de poder, transmitir eficazmente o que deseja que se faça. “Qualquer tipo de poder deve estar revestido de meios eficientes que o exibam, e terá diferentes efeitos, dependendo do modo como é dramatizado” (GOFFMAN, 2013, p. 259). Daí a importância do pensamento complexo, pois, conforme Foucault (1979), os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Eles funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, não existindo limites ou fronteiras. Portanto, há que se considerar esse espectro de influências se espalhando e atingindo até mesmo os mais incautos.

O desafio é compreender essa engrenagem construtora de laços, ou seja, as conexões que viabilizam os processos de dominação. Em nosso contexto “não basta examinar o processo de exercício da autoridade e as estruturas. Também é necessário examinar as motivações subjetivas expressas nos discursos, o envolvimento dos sujeitos no processo de decisão” (PIMENTA, 2006, p. 88). No caso brasileiro, a atuação de forças que buscamos descrever ajudou a delinear parte de nossa história, as reverberações ao sul do grande continente geraram um cenário onde:

Nossas burguesias não foram capazes de um desenvolvimento econômico independente e suas tentativas de criação de uma indústria nacional tiveram vôo de galinha – vôo curto e baixinho. Ao longo de nosso processo histórico, os donos do poder têm dado de sobra, provas de sua falta de imaginação política e de sua esterilidade cultural. No entanto, têm

sabido montar uma gigantesca máquina do medo e fizeram contribuições de cunho próprio à técnica do extermínio de pessoas e de ideias. (GALEANO, 1986 p.304)

O resultado da vida política para o cotidiano é o grande espetáculo gerado para a apreciação das audiências. Sistemas de habilidades, valores e representação trabalham complementarmente na política midiática. Nesse emaranhado, onde a imprensa é a instituição política responsável pela mediação entre os demais poderes e a sociedade, cabe ressaltar a atuação do fio condutor popular que percorre o conjunto da vida política e social. Parafraseando Maquiavel, é preciso levar em consideração mais o pensamento da praça pública do que o do palácio.

Refutar parte do quadro vigente constitui pressuposto para a construção de uma nova ordem. Hanna Arendt afirma que “ninguém se enfurece com uma doença incurável ou um tremor de terra, ou com condições sociais que pareçam impossível de modificar. A fúria irrompe somente quando há boas razões para crer que tais condições poderiam ser mudadas e não o são” (DEJOURS, 2006, p. 5).

REFERÊNCIAS

- A CORPORAZÃO (*The corporation*). **Direção:** Mark Achbar, Jennifer abbott. Roteriro: Mark Achbar, Joel Bakan, Harold Crooks. Distribuição: Zeitgeist film. Canadá, 2003. 2h45min.
- ALBERTO DE CARVALHO, Carlos. **A comunicação como metáfora para a compreensão social**. SP: Líbero, v.17, n.34, p. 131-144, jul/dez. de 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BIROLI, Flávia. **Técnicas de poder, disciplinas do olhar: aspectos da construção do “jornalismo moderno” no Brasil**. In: MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia Biroli (Org). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: HUCITEC, 2010. p. 195 – 221.
- BOA NOITE, E BOA SORTE** (*Good Night, and Good Luck*). Direção: George Clooney. Roteiro: George Clooney e Grant Heslov. Distribuição: Warner Bros. EUA, 2005. 1h33min.
- BOUDON, Raymond. **Dicionário crítico de Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- CASTELS, Manuel. **A sociedade em rede - volume 1**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social -7.ed**. Rio de Janeiro: FGV 2006
- FAHRENHEIT 9/11**. Direção: Michael Moore. Roteiro: Michael Moore. Distribuição: Lions Films IFC Films. EUA, 2004. 2h03min.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução: Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012
- GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Pais e Terra, 1986.
- GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2008
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004
- GORBACHEV, Mikhail. **Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo**. São Paulo: Editora Best Seller, 1987.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HALÉVY, Marc. **A era do conhecimento: princípios e reflexões sobre a noética no século XXI**. Tradução: Roberto Leal. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- HARVEY, David. **Condição pós Moderna** – São Paulo: Loyola, 1989
- LEUCHTENBURG, William E. **O século Inacabado**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1976.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2000.
- MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina; 2011.
- NIVALDO JUNIOR, José. **Maquiavel, o poder: história e marketing**. 2. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- PIMENTA, Solange Maria; SARAIVA, Luiz Alex; CORRÊA, Maria Laetitia. **Terceiro Setor: Dilemas e Polêmicas**. São Paulo : Saraiva, 2006.
- SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. SP: Parábola, 2007.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado espetáculo: Ensaio sobre e contra o star system em política**. Círculo do Livro. São Paulo: 1977.
- SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2000